

IN MEMORIAM



Letícia Parente

Letícia Tarquínio de Souza Parente: Química e Educadora

Nada mais oportuno e louvável do que a iniciativa da nossa Sociedade de deixar registrado em Química Nova alguns dos traços mais marcantes da carreira da brilhante química e educadora - além de artista plástica e poeta - Letícia Tarquínio de Souza Parente, falecida no Rio de Janeiro em 6 de Setembro de 1991, depois de uma luta heróica contra a enfermidade.

A coragem demonstrada por Letícia nos seus últimos dias é bem característica do que foi a sua vida de lutadora incansável em defesa da educação e da cultura em nosso país. Os que não a conheceram e não tiveram assim o privilégio de com ela conviver e aprender não podem imaginar a perda que representou o seu falecimento prematuro.

Como se pode constatar pela memorável Ata de Fundação da SBQ, Letícia estava entre os primeiros dos nossos associados (seu nome aparece em sétimo lugar naquela lista de assinaturas). Presente em todos os Congressos e Simpósios promovidos pela SBQ, só faltou à Reunião de Caxambú em Maio de 1991, quando seu estado de saúde já era muito grave.

Letícia nasceu em Salvador aos 17 de Julho de 1930. Aos 22 anos, depois de um curso brilhante, Letícia recebeu os diplomas de Bacharel e Licenciada em Química pela Universidade Federal da Bahia. Foi-lhe então feito um convite para permanecer nos quadros da sua Alma Mater, como Professora, mas declinou do convite e se transferiu para o Rio de Janeiro. É na Cidade Maravilhosa, em 1955 que conhece e casa-se com o engenheiro cearense João José de Sá Parente, que se tornou o pai dos seus cinco filhos: André, Ângela, Lia, Cristina e Pedro.

Logo depois de casada, Letícia, que não tinha se afastado dos seus companheiros da JUC, aceita o convite do Prefeito da cidade mineira de Sabinópolis para implantar um novo sistema educacional naquela cidade. Com o tremendo dinamismo que iria perdurar até seus últimos dias, Letícia implanta cursos de aperfeiçoamento para professores rurais e patrocina atividades culturais as mais diversas: teatro, poesia e pintura. Ela exerce, no melhor sentido da palavra, o papel de agitadora cultural e social na pequena cidade de Minas Gerais.

Em 1959 muda-se para Fortaleza, exercendo primeiro o magistério de Química em estabelecimentos de ensino secundário. Mas já em 1960, com o apoio da CADES, organiza novos cursos de Ciências e de Química para treinamento de Professores do nível médio.

Em 1961 faz concurso para o cargo de Professor da Universidade Federal do Ceará, que assume com a função de colaborar na redefinição do Curso de Graduação em Química. Assume as cadeiras de Química Geral I e II e progride rapidamente na carreira, atingindo por concurso o cargo de Professor Titular em 1977. Implanta também o Curso de Pós-Graduação em Química Inorgânica.

Em 1966 amplia a sua atuação docente, limitada aos alunos dos Institutos de Química e de Física, para os alunos do Curso Médico. Foi nesta ocasião que um de nós (GFS) tornou-se colaborador de Letícia, como Auxiliar de Ensino.

Foi Letícia uma das primeiras a divulgar no Nordeste, com adaptações, os dois programas de ensino da Química para os Cursos do Segundo Grau desenvolvidos nos Estados Unidos como resposta ao desafio soviético dos programas espaciais: o Chemical Bond Approach, produzido por Larry Strong e Ted Benfey e o Chemical Systems, produzido por George Pimentel.

Como reflexo desta sua atividade incessante Letícia Parente publicou dois livros: "O Livro da Professora: Currículo de Ciências" (1967), e "A Química: Profissão de Químico" (1968). Foi também nas férias de 1967-68 que Letícia faz um estágio no Recife, com o outro autor desta Memória, uma associação profícua e que tem como resultado a publicação do seu terceiro livro, "Electronegatividade" (1970).

Logo após Letícia se ligou ao Estágio de Licenciatura e Projetos de Ensino do 2º Grau na PUC do Rio de Janeiro, onde termina recebendo seu Mestrado em Química Analítica (1972), feito que repetiu alguns anos depois com seu segundo Mestrado, este em Filosofia da Ciência no IESAE da Fundação Getúlio Vargas (1985). No intervalo tornou-se Livre Docente em Química Inorgânica pela PUC-Rio. Letícia Parente fez também dois estágios de pós-Doutoramento, em Educação Química, com Leonel Paoloni em Palermo (1982) e em Química Inorgânica dos Compostos de Coordenação de Lítio, na Université de Nice (1984). Letícia era Pesquisadora do CNPq na área de Educação em Ciências.

Sua tese de 1985 foi transformada em um livro, "Bachelard e a Química", publicado pela Universidade Federal do Ceará em 1990. Letícia era então reconhecida como a pesquisadora brasileira que mais entendia de Epistemologia Química. Um dos autores desta nota biográfica escreveu para aquele livro uma Apresentação da qual queremos destacar alguns trechos.

"Letícia Parente é uma pessoa invulgar, poderia dizer mesmo rara, entre nós. Uma pessoa que sem se preocupar com modismos, vem trabalhando há trinta anos no ensino da Química no Brasil. Ao longo desses anos Letícia contribuiu para a formação de um grande número de jovens e no exercício desta atividade construiu sua carreira na Universidade. Mais recentemente Letícia Parente se interessou pela epistemologia de Gaston Bachelard, a quem sentiu-se atraída, creio, por se tratar de um dos raros filósofos de grande fôlego com formação de químico. Através de Bachelard renovou Letícia sua percepção da importância do método crítico ou epistêmico no ensino de uma Ciência como a Química. O resultado do encontro desses interesses, um antigo na sua vida, o outro mais novo mas já definido, foi este livro que temos o prazer de prefaciá-lo. Retirado do contexto limitante de tese acadêmica este livro não é apenas importante na sua área específica mas será de grande utilidade para os pesquisadores brasileiros bem como para outros ligados à produção cultural no Brasil."

Em 1987 Letícia passou a dirigir o Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro, onde desenvolveu programas de Educação em Ciências e reciclagem de professores de 1º e 2º Graus.

Segundo o testemunho da Professora Roseli P. Schnetzler, da Faculdade de Educação da UNICAMP, é a Letícia mais que ninguém que se deve o sucesso do Projeto REDEQ da SBQ, que permite o encontro de professores de Química do país.

Por ocasião do Dia do Químico de 1991, Letícia foi homenageada pelas Entidades de sua área profissional em uma grande solenidade na FIEC. Impossibilitada de comparecer, em virtude da doença que lhe tirou a vida dois meses depois, Letícia enviou por um dos seus filhos a mensagem abaixo, verdadeiro legado aos que abraçam a carreira docente, especialmente na Universidade Federal do Ceará

"Quero agradecer ao Conselho Regional da 10ª Região, à Associação Brasileira de Química-Secretaria Regional do Ceará, ao Sindicato dos Profissionais de Química do Estado do Ceará e ao Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas e da Destilação e Refinação de Petróleo - a honra com que me distinguiram através de sua homenagem na modalidade ensino. Quero aproveitar também essa oportunidade única na minha vida para confirmar o quanto é gratificante a profissão de magistério. Aquele que ensina está sempre a aprender, é cotidianamente agraciado com o convívio reabastecedor dos jovens, é obrigado por dever do ofício a se atualizar, é contaminado pela esperança, é desafiado a ter fé e jamais pode esquecer, pela natural confiabilidade da juventude, que a boa vontade é o estado de espírito mais essencial à transformação do mundo. Foi o Ceará que me possibilitou os primeiros passos como também o amadurecimento nessa profissão. Foi com muita paixão e amor que vi crescer a Universidade e a comunidade onde trabalhei. Em qualquer tempo e lugar onde estiver, minha história de vida e minhas emoções mais fundas estarão misturadas com essa terra e com sua gente."

Obrigada."

Gilberto Fernandes de Sá e Ricardo Ferreira



Robert de Groot

Escrever sobre a vida acadêmica do professor Robert De Groot é ao mesmo tempo motivo de orgulho e uma grande responsabilidade. Motivo de orgulho por ter participado como colaborador em seu trabalho de implantação da Química de Ligninas em nosso país. A grande responsabilidade é ser capaz de transcrever, em tão pouco espaço, toda sua obra científica e acadêmica.

Robert Ange Marie Camille De Groot nasceu em 20 de abril de 1940 em Bruxelas, Bélgica. Após ter concluído o curso de Bacharelado em Química (1964) na Universidade Livre de Bruxelas, foi convidado para vir ao Brasil colaborar na organização dos cursos de química orgânica, na recentemente criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, onde permaneceu de 1965 a 1969.

Em 1969, Robert mudou-se para São Carlos, passando a trabalhar na Escola de Engenharia de São Carlos - USP, onde defendeu seu doutorado em 1971. Estando em São Carlos, Robert participou da criação do Instituto de Física e Química (1972) e colaborou decisivamente na implantação do Bacharelado em Química, bem como na criação dos cursos de Mestrado e Doutorado em Físico-Química deste Instituto.

O seu papel de pioneiro ficou, desta forma, marcado fortemente na criação de dois importantes cursos de Química no Estado de São Paulo.

Suas atividades não se resumiram apenas à vida acadêmica e científica. Robert também se dedicou às administrativas, tendo sido chefe do departamento de Química e Física Molecular, vice-diretor do Instituto de Física e Química e novamente chefe de departamento, agora do recentemente criado Departamento de Físico-Química.

Robert De Groot sempre se dedicou com muito entusiasmo ao ensino de Química Orgânica, destacando-se nos cursos experimentais, onde sempre foi um inovador, despertando nos estudantes o prazer pela pesquisa em laboratório.

Enquanto pesquisador, conseguiu manter harmoniosamente suas atividades em pesquisa acadêmica e aplicada. Entre 1965 e 1980 seus maiores interesses se concentraram em estudos de espectroscopia e cinética, com grande ênfase aos estudos de mecanismos de reações orgânicas, particularmente de derivados metanossulfônicos.

A partir de 1980, Robert encaminhou suas pesquisas para a área de Química da Madeira, especialmente a Química de Ligninas e organizou, além de presidir, o First Brazilian Symposium on the Chemistry of Lignins and other Wood Components, realizado em São Carlos em 1989.

Como fruto de suas atividades, foi coordenador de vários projetos de pesquisa junto a órgãos de fomento estaduais e federais, além de vários contratos com importantes indústrias químicas.

Sua produção científica inclui mais quarenta trabalhos publicados, duas teses defendidas, uma patente e mais de setenta participações em congressos nacionais e internacionais. Orientou cinco teses de doutorado e oito dissertações de mestrado. Realizou dois estágios de pós-doutorado nos Estados Unidos da América e diversas viagens de intercâmbio científico a diferentes países, particularmente França, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos da América.

Mais que tudo, Robert plantou em nosso Instituto uma idéia, que hoje já se tornou uma realidade, que esperamos ser capazes de manter ativa e crescente como ele tão bem sabia fazer.

J. R. Lechat e A. A. S. Curvelo



Ivo Giolito

Ivo Giolito, filho de Domingos Giolito e Maria Elvira Traldi Giolito, nasceu em 10 de março de 1933, na cidade de São Paulo. Em 1960 desposou Cely Bertolaso, com quem teve dois filhos, Ivo e Cintia. Há dois anos tornou-se avô. Descendente de imigrantes italianos empreendedores, fundadores de uma indústria de medicamentos, ingressou na Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP, no ano de 1955, tendo-se formado três anos depois (na época, a duração do curso era mais curta que atualmente). Iniciou as atividades profissionais ao aceitar o convite do

Prof. Quintino Mingoja, um dos grandes "mestres" da Faculdade de Farmácia e Odontologia de então, para ser seu assistente na Seção de Pesquisas Químicas e Síntese de Medicamentos do Laboratório Paulista de Biologia, empresa que já estivera sob o controle da família Giolito. Aí desenvolveu uma atividade profissional intensa e diversificada - análises e sínteses de medicamentos - incluindo trabalhos rotineiros e pesquisa original. Poucos meses depois, atendendo convite do Prof. Raphael Faro Neto, passou a atuar como Auxiliar de Ensino, junto aos laboratórios didáticos de química analítica e química inorgânica de sua Faculdade. Abandonou a indústria, para se dedicar integralmente à Universidade, muitos meses antes de ser contratado em regime de tempo integral, isto é, trabalhou "de graça", como na época era um mau costume imposto aos que optavam pela carreira universitária. Numa das modificações estruturais a faculdade foi dividida e Giolito doutorou-se pela Faculdade de Farmácia e Bioquímica (1968). Com a reforma universitária passou a integrar o Instituto de Química, criado nos fins de 1969, onde montou o laboratório de métodos termoanalíticos, trabalhando com infinita paciência - o seu equipamento tomou chuva em alguma etapa do transporte e chegou-lhe completamente enferrujado, sem condições de uso. Decorridos alguns anos após a tese, foi fazer o seu pós-doutorado em Houston, com o Prof. Dr. Wesley W. Wendlandt (1976).

Ministrou inúmeros cursos na sua área de pesquisa, interna e externamente ao Instituto. Foi convidado de numerosas conferências e participante de muitas bancas de dissertações e teses. Publicou mais de vinte artigos científicos em revistas de circulação internacional. Orientou nove teses de doutorado e estavam trabalhando sob a sua direção seis pessoas. Muitos de seus ex-alunos, Massao Ionashiro, Lázaro Moscardini D'Assunção, Élcio Rogério Barrak, Jivaldo do Rosário Matos e outros, hoje exercem a profissão em instituições de nível superior em diversos lugares do país. Giolito fez a sua Livre-Docência em 1987 e dois anos depois tornou-se Professor Adjunto (1989), tendo conquistado o cargo de Professor Titular em 1990. Traduziu e publicou a nomenclatura de termoanálise em português. Organizou o II Encontro de Termoanálise no qual, atendendo ao seu convite, participaram várias autoridades mundiais dessa área da ciência.

Concomitante com a pesquisa, Giolito dedicava-se profundamente ao ensino. Um dos poucos que produziram inovações e melhoras ao nível da graduação, textos didáticos, teve a honra e o prazer de seu nome se tornar um "substantivo comum", com seus alunos, freqüentemente, disputando um "giolito" na biblioteca. Destacado experimentalista, trabalhava com afinco e paciência ímpares, ao lado de seus alunos, recondicionando, consertando os equipamentos. Espírito integral e profundo, raridade em nosso meio, eram seus conhecidos "de leitura" Popper, Wilson, Reboul, Monod e os filósofos clássicos. Impossível viver em sua proximidade sem sofrer benfazeja influência, fosse no trabalho experimental, fosse no pensamento. Ultimamente, ao lado de vários projetos, inclusive um integrado, planejava a produção de textos didáticos numa abordagem renovada, eliminando as colocações teleológicas. Escrever um texto sobre a epistemologia da química fazia parte de suas ambições.

Ivo Giolito, ao atravessar silenciosamente a sombra dos ciprestes, deixou para trás sonhos, projetos... - ficou de, ainda, cumprir integralmente a sua missão. A partida precoce foi cochilo do destino...

Tibor Rabockai